

Socorro! Kalama Sutta, Socorro!

pelo Venerável Ajahn Buddhadasa Bhikkhu

Tradução: Fernando Domicildes
© Edições Nalanda, 2005

Endereço da página onde se encontra este texto:

http://www.nalanda.org.br/pdf/socorro_kalama.pdf

SOCORRO! KALAMA SUTTA, SOCORRO! ¹

Ajahn Buddhadasa

Todos os indivíduos do mundo, inclusive os thailandeses, encontram-se atualmente na mesma situação em que se encontravam os *Kalamas*, habitantes da localidade de Kesaputta, na Índia, durante a época em que o Buddha viveu. Este pequeno povoado ocupado por eles situava-se em uma região percorrida freqüentemente por diversos mestres religiosos. Cada um pregava a sua própria doutrina pessoal como sendo a única e a verdadeira e propagava que todas as demais doutrinas anteriores ou posteriores seriam falsas. Assim sendo, os *Kalamas* não podiam decidir-se pela doutrina à qual deveriam aderir e obedecer. Em uma ocasião em que o Buddha visitou o seu pequeno povoado, os *Kalamas* apresentaram-lhe o problema que enfrentavam: eles não sabiam em qual professor deveriam acreditar. Para tratar desta questão, o Buddha pregou-lhes o que se tornou conhecido atualmente como o *Kalama Sutta*, objeto de nosso exame nesta oportunidade.

Nos dias atuais os indivíduos em todos os lugares do mundo dedicam-se ao estudo das mais variadas abordagens ao problema do desenvolvimento econômico, social e tecnológico. As universidades ensinam sobre quase todas as áreas do saber. Além disso, considerando exclusivamente o campo espiritual, somente aqui na Tailândia possuímos tantos professores, tantas interpretações dos ensinamentos do Buddha e tantos centros de meditação que ninguém sabe à qual ensinamento aderir e à qual prática obedecer. Assim sendo, pode-se afirmar que recaímos na mesma situação em que os *Kalamas* se encontravam dois milênios atrás.

O Buddha ensinou aos *Kalamas*, e também a nós, a não aceitar e a não acreditar imediatamente em algo somente porque se observa a sua adequação a alguns critérios. Ele relacionou-lhes dez critérios que deveriam ser cuidadosamente observados, de tal maneira que os *Kalamas* poderiam evitar tornarem-se escravos intelectuais de um indivíduo, ainda que este fosse o próprio Buddha. Este princípio nos possibilita escolher por nós mesmos os ensinamentos verdadeiramente capazes de extinguir a insatisfação (*dukkha*). Os dez exemplos fornecidos pelo Buddha e constantes do *Kalama Sutta* são apresentados a seguir.

1. Ma anussavena

Não aceite e não acredite em algo considerado verdadeiro somente porque tem sido transmitido e repetido por muitos anos. Esta ingenuidade é uma característica dos indivíduos desmiolados, “cabeça-de-vento”, tais como aqueles de Bangkok que outrora acreditavam que os infortúnios recairiam sobre as pessoas nascidas durante os anos iniciados com a sílaba “*ma*” (um antigo calendário thailandês, com ciclo de doze anos, possui quatro deles – do quinto ao oitavo - iniciados com a sílaba “*ma*”: *marong*, *maseng*, *mamia* e *mamae*. São anos conhecidos, respectivamente, como “serpente longa”, “serpente curta”, “cavalo” e “cabra”).

2. Ma paramparaya

Não acredite em algo somente porque se tornou uma prática tradicional. Os indivíduos tendem a imitar aquilo que outros realizam e a transmitir este hábito adiante, assim como ocorreu na história do coelho

¹ Do livro “Messages of Truth from Suan Mokkh”.

aterrorizado pela queda de uma fruta-manga ao chão (como na estória ‘Chicken Little’s Falling Sky’). Assim que os outros animais perceberam o coelho correndo em grande velocidade, eles também se aterrorizaram e passaram a segui-lo no mesmo ritmo. A maioria deles acabou morrendo ao despencar lentamente de um alto despenhadeiro. Qualquer prática *vipassana* (*insight*) que apenas imite outras e que apenas siga as tradições obterá resultados similares.

3. *Ma itikiraya*

Não aceite e não acredite em algo simplesmente devido às notícias e aos boatos espalhados ao seu redor, seja em um pequeno vilarejo ou pelo mundo todo. Somente os insensatos são susceptíveis a tais rumores, pois se recusam a empregar as suas próprias faculdades da inteligência e do discernimento.

4. *Ma pitakasampadanena*

Não aceite e não acredite em algo somente porque consta em um *pitaka* (texto). A palavra “*pitaka*”, embora utilizada muito freqüentemente pelas escrituras budistas, pode significar algo escrito ou inscrito em um objeto apropriado para a escrita. Os ensinamentos memorizados e transmitidos oralmente não deveriam ser confundidos com um *pitaka*. Um *pitaka* é um certo tipo de objeto condicionado, produzido e controlado por seres humanos, podendo ser alterado ou manipulado por mãos humanas. Assim sendo, não podemos confiar em cada letra ou em cada palavra lida nesses objetos. É necessário o uso da nossa faculdade do discernimento para distinguir quais dessas palavras podem ser utilizadas na extinção do sofrimento. Há divergências no *pitaka* das várias escolas budistas, portanto todo cuidado é pouco.

5. *Ma takkahetu*

Não acredite em algo somente a partir do raciocínio lógico (*takka*). A Lógica é meramente uma área do conhecimento utilizada pelas pessoas na tentativa de imaginar a verdade. *Takka* ou Lógica não é infalível. Se as suas condições ou inferências forem incorretas, ela pode conduzir ao engano.

6. *Ma nayahetu*

Não aceite e não acredite em algo somente porque aparenta estar de acordo com os fundamentos de *naya* ou com aquilo conhecido atualmente como "filosofia". Na Tailândia, traduzimos o termo ocidental ‘filosofia’ como *prajna*. Nossos amigos indianos não podem aceitar esta tradução porque “*naya*” é somente um ponto de vista ou opinião, não sendo a compreensão suprema, adequadamente relacionada aos termos *panya* ou *prajna*. *Naya* ou *nayaya* é somente um método de raciocínio dedutivo baseado em hipóteses ou conjecturas. Este raciocínio pode conduzir ao engano quando o método ou as hipóteses mostrarem-se inadequados.

7. *Ma akaraparivitakkena*

Não aceite ou acredite em algo simplesmente devido a uma reflexão superficial, isto é, somente porque está de acordo com o que denominamos atualmente por “senso comum”, na verdade meros julgamentos improvisados baseados nas tendências do próprio pensamento. Passamos a utilizar esta abordagem tão freqüentemente que ela acabou por tornar-se habitual. Alguns filósofos descuidados e orgulhosos confiam demasiadamente em tal senso comum e se consideram muito espertos.

8. *Ma ditthinijjhanakkhantiya*

Não aceite ou acredite em algo considerado verdadeiro somente porque concorda ou se ajusta às próprias opiniões e teorias preconcebidas. Pontos de vista pessoais podem estar errados e nossos métodos de experimentação e verificação podem ser inadequados, o que nos conduziria para longe da verdade. Esta abordagem pode parecer similar ao método científico, porém nunca será realmente científica, pois suas comprovações e experimentações são inadequadas.

9. *Ma bhabbarupataya*

Não acredite em algo somente porque o orador parece ser confiável, devido talvez a sua credibilidade ou prestígio. As aparências externas e o real conhecimento interno de um indivíduo podem não ser idênticos. Com frequência, encontramos oradores que, mesmo parecendo confiáveis externamente, formulam pensamentos incorretos e dizem coisas insensatas. Nos dias atuais, devemos agir cautelosamente com os computadores porque os programadores que os alimentam com dados e os manipulam podem fornecer-lhes informações incorretas, cometer erros de programação ou utilizá-los inadequadamente. Não reverencie tanto os computadores, pois agir desta maneira vai contra este princípio do *Kalama Sutta*.

10. *Ma samano no garu ti*

Não acredite em algo somente porque o monge ou, mais amplamente, qualquer orador, é o “meu professor”. A intenção do Buddha com relação a este importante ponto é que ninguém deveria ser escravo intelectual de quem quer que seja, nem mesmo do próprio Buddha. Ele enfatizou este aspecto repetidas vezes, havendo discípulos – tal como o Venerável Sariputta – que o confirmaram em sua prática. Estes discípulos não acreditavam nas palavras do Buddha imediatamente após ouvi-las. Eles somente passavam a acreditar nelas após uma ponderada reflexão e o teste da prática. Verifiquem por si próprios se já houve no mundo algum outro mestre religioso que tenha proporcionado aos seus discípulos e ouvintes esta extrema liberdade! Não há no Buddhismo um sistema dogmático que nos pressione a acreditar em algo sem o direito de examiná-lo e decidir por nós mesmos a seu respeito. Esta é a característica mais elevada do Buddhismo e é a que protege os seus seguidores de tornarem-se escravos intelectuais de quem quer que seja. Nós, thailandeses, nunca deveríamos voluntariamente seguir o Ocidente da maneira tão servil como fazemos nos dias atuais. A liberdade intelectual e espiritual é o nosso bem mais desejável.

Liberdade intelectual

Os dez exemplos do *Kalama Sutta* são uma defesa segura contra a dependência intelectual e não se perder enquanto pessoa, ou seja, negligenciar a própria inteligência e sabedoria ao lidar com aquilo que ouve e escuta (*paratoghosa*, “a voz dos outros”, na terminologia budhista). Deve-se refletir cuidadosa e sistematicamente sobre tudo aquilo que se ouve. Quando as explanações sobre um assunto são claramente úteis e resultam na extinção do sofrimento, pode-se afinal acreditar totalmente nelas.

O princípio do *Kalama Sutta* é adequado para qualquer pessoa, em qualquer lugar, em qualquer época e em qualquer mundo, mesmo para os mundos celestiais. Atualmente, o mundo contraiu-se devido aos excepcionais meios de comunicações de massa que propiciam um intercâmbio de informações rápido e fácil. As pessoas podem obter novos conhecimentos de qualquer região ou canto do planeta. Diante deste cenário, elas não sabem no que acreditar e, portanto, encontram-se na mesma situação em que se encontravam os *Kalamas* na época do Buddha. Na verdade, o *Kalama Sutta* pode ser o refúgio para elas. Por favor, dedique a este *sutta* a atenção cuidadosa e o estudo que ele merece. Considere a enorme ventura que é o Buddha ter ensinado este *sutta*. É uma dádiva para o mundo inteiro. Somente aqueles extremamente tolos serão incapazes de se beneficiar deste Discurso do Buddha.

O *Sutta Kalama* deve ser praticado por pessoas de todas as idades. Mesmo as crianças podem aplicar os seus princípios com a finalidade de se tornarem crianças do despertar (*bodhi*), ao invés de crianças da ignorância (*avijja*). Os pais deveriam instruir e educar as suas crianças tornando-as aptas a entender as palavras e os ensinamentos que lhes são dirigidos, aptas a compreender as razões e os fatos naturais envolvidos em uma questão e aptas a identificar quando os resultados obtidos são realmente aqueles alegados. Sempre que ensinarem ou contarem algo para suas crianças, os pais deveriam ajudá-las a compreender o que está sendo solicitado e a verem os benefícios para elas mesmas. Por exemplo, quando são solicitadas a não consumirem drogas, as crianças não deveriam obedecer somente devido ao temor, mas devido à observação real dos resultados do consumo de drogas o que as conduziria prontamente à recusa dessas substâncias causadoras de dependência química.

Nenhum dos dez exemplos constantes do *Kalama Sutta* afirma que as crianças nunca deveriam acreditar ou ouvir a alguém. Eles afirmam simplesmente que as crianças, assim como todos nós adultos, deveriam ouvir cuidadosamente e acreditar em algo como verdadeiro somente após terem verificado por elas próprias o seu real significado e as vantagens que advirão de tal crença e só então passar à sua prática. Quando um professor ensina algo e ajuda as crianças a entenderem os raciocínios por detrás do seu ensinamento, ele não as transformará em crianças teimosas. Para aquelas realmente teimosas, deve-se corrigi-las com uma delicada censura e permitir que reflitam melhor novamente. As crianças compreenderão e apreciarão – de forma crescente - o princípio do *Kalama Sutta* ao amadurecerem. Elas irão praticar todos os dez exemplos quando tiverem amadurecido totalmente, se nós as educarmos conforme este modelo constante do *sutta*.

O mundo científico atual será capaz de aceitar com satisfação todos os dez princípios do *Kalama Sutta* como estando em acordo com o método científico. Não há a mínima contradição entre os princípios da ciência e aqueles contidos no *Kalama Sutta*. Mesmo o oitavo item - ao afirmar que não se deve aceitar algo somente porque há concordância com teorias preconcebidas - não contradiz os princípios científicos. Os verdadeiros cientistas enfatizam a verificação experimental como o seu principal critério na aceitação de algo como verdadeiro e não opiniões pessoais, noções, crenças, raciocínios e teorias. Exatamente por estes critérios do *Kalama Sutta*, o Budhismo poderá satisfazer as expectativas e as necessidades dos verdadeiros cientistas.

Se alguém observar o princípio do *Kalama Sutta* obterá conhecimentos e fundamentos independentes com os quais poderá compreender logo de início o significado e a verdade das idéias e das proposições lidas ou ouvidas. Por exemplo, quando alguém ouve que a cobiça, a aversão e a ilusão são perigosas e nocivas compreenderá isso completa e instantaneamente porque já sabe, através de sua experiência pessoal, o que elas representam. Acreditamos em nós mesmos mais do que em qualquer orador. O caminho da prática é o mesmo nos outros casos. Se a afirmação for sobre algo que não havia sido visto ou que não se conhecia antes, deve-se tentar compreendê-lo ou conhecê-lo previamente. Desta forma, pode-se deliberar aceitar ou não a nova informação ou o novo ensinamento recebido. Nunca se deve aceitar algo somente porque se acredita no orador. Que se leve quanto tempo for, mesmo que isto signifique morrer antes de se descobrir a verdade. Esta é a forma com a qual o *Kalama Sutta* protege alguém de se tornar um escravo intelectual de quem quer que seja, mesmo nos assuntos mais delicados, os assim denominados "mistérios".

Há um problema toda vez que um novo tipo de remédio, acompanhado de publicidade comercial em todos os lugares, é lançado no mercado. Acreditando na propaganda, deveríamos nos oferecer como cobaias para testá-lo? Ou deveríamos aguardar, antes de confiarmos totalmente, até que tenhamos motivos suficientes para experimentar um pouco dele no início e constatar os bons resultados prometidos? Deveríamos responder às afirmações e aos ensinamentos novos da mesma maneira que respondemos aos novos remédios, considerando o princípio do *Kalama Sutta* como um refúgio verdadeiro.

O *Kalama Sutta* nos solicita a desenvolver a sabedoria antes da fé. Se se deseja que a fé surja previamente, então se deve permitir que ela se inicie com a sabedoria, evitando-se aquela fé cega proveniente da ignorância. O mesmo se mostra verdadeiro com relação ao princípio do Nobre Caminho Óctuplo: considere a sabedoria ou o entendimento correto como o ponto inicial, e então a fé se desenvolverá a partir dela. Esta é a única abordagem segura. Nunca deveríamos acreditar cega e imediatamente em algo que ouvimos e nem deveríamos ser forçados a acreditar por temor, suborno ou qualquer outro motivo.

O mundo atualmente está tão oprimido pelo poder da propaganda e da publicidade que a maioria das pessoas se tornou escrava desse poder. A propaganda e a publicidade podem fazer com que as pessoas abram sem pensar as suas carteiras de dinheiro, sem nem mesmo precisar pensar, a fim de adquirir coisas que elas não necessitam comer, não necessitam possuir e não necessitam utilizar. Isto é um lugar comum tão disseminado que deveríamos propor prontamente o princípio do *Kalama Sutta* às pessoas que vivem conosco esta época. A publicidade comercial é muito mais nociva do que a propaganda genérica, esta denominada em pali "*paratoghosa*". Se, mesmo diante da propaganda genérica ou "*paratoghosa*", devemos confiar no princípio do *Kalama Sutta* como nosso refúgio, o que se dizer sobre a necessidade deste *sutta* ao se lidar com a publicidade

comercial repleta de fraudes intencionais? Assim, podemos afirmar que o *Kalama Sutta* é útil mesmo para a solução de problemas econômicos.

Solicito a todos que reflitam, investiguem e examinem se em algum lugar existe uma liberdade espiritual maior do que aquela encontrada no *Kalama Sutta*. Se alguém afirmar que o Budismo é uma religião da liberdade, poderá existir algum motivo para se contestar ou se opor a esta afirmação? Este mundo tão intoxicado de liberdade realmente a conhece? Estará ela de acordo com o princípio do *Kalama Sutta*? A ignorância cega e a indiferença a respeito do *Kalama Sutta* geram a falta dessa liberdade? Algumas pessoas chegam mesmo a menosprezar este *sutta* sob a alegação de que ele nos ensina a não ouvir e a não acreditar em nada. E, mais ainda, algumas outras pessoas alegam realmente que o Buddha proferiu este *sutta* somente para os *Kalamas* que viviam em sua época. Por que não abrimos os nossos olhos e percebemos que atualmente as pessoas se tornaram escravas intelectuais e espirituais, e que perderam a sua liberdade num grau muito maior do que os *Kalamas* que viviam na época do Buddha? Meus caros amigos - companheiros cultuadores da liberdade - solicito-lhes que reflitam cuidadosamente sobre a essência e o propósito do *Kalama Sutta* e sobre a intenção do Buddha ao proferi-lo. Desta forma, as suas qualidades budistas do despertar florescerão abundante e vigorosamente e não de forma escassa e frágil. Não temam e menosprezem de forma tola o *Kalama Sutta*. A palavra “thai” significa “liberdade”. Que tipo de liberdade vocês acrescentarão à nossa “thailanidade”? Que tipo de “thailanidade” é adequado e apropriado para a independência ou “thailanidade” dos budistas, os discípulos do Buddha?

Evitando conflitos através da mente aberta

Vamos agora olhar mais adiante para entender os benefícios ocultos e as vantagens encontradas no *Kalama Sutta*. Ele pode nos ajudar a evitar as conversas grosseiras e tolas que conduzem a disputas e conflitos violentos. Por exemplo, é insensato estabelecer uma regra fixa para todas as famílias com relação a quem – marido ou esposa – será o chefe da família. Tudo depende das condições específicas de cada uma das famílias. De acordo com os princípios do *Kalama Sutta* e de acordo com a lei da Condicionalidade Específica (*idappaccayata*), somente podemos examinar as regras adequadas aos membros de uma família levando-se em consideração as circunstâncias de cada uma delas. Por favor, não se pronunciem unilateralmente, violando os princípios naturais.

Com relação ao aborto, as pessoas discutem, até se tornarem ruborizadas, se ele é aceitável ou não, esquecendo-se da investigação para descobrir em quais casos ele é adequado e em quais casos não é. Uma vez que aceitemos os princípios naturais do caminho budista de raciocinar, cada situação nos mostrará quando o aborto é apropriado e quando não é. Por favor, desistam de insistir nas posições unilaterais.

O princípio é o mesmo no caso do consumo de carne em contraste com o vegetarianismo. Cada lado discute a partir de sua posição inflexível. Tais pessoas estão apegadas à visão da comida como sendo carne ou vegetal. Para os budistas, não há carne e nem há vegetais, existindo somente os elementos naturais. Tanto os consumidores quanto tudo aquilo que é consumido são todos somente elementos naturais. As situações nas quais se deve comer carne e as circunstâncias nas quais não se deve comê-la podem ser distinguidas ao se utilizar o princípio do *Kalama Sutta*. Por esta razão, o Buddha jamais se pronunciou definitivamente por um caminho ou por outro quanto ao consumo de carne e de vegetais, nunca proibindo o consumo de qualquer um desses elementos. Pronunciar-se desatentamente não é o caminho dos budistas.

Também não se deve afirmar que a democracia seja sempre absolutamente desejável. Aqueles que insistem neste ponto de vista não consideram que uma democracia de pessoas egoístas poderia ser pior do que uma ditadura de pessoas não egoístas que vivem de acordo com o *Dhamma* e de forma correta. Uma democracia de pessoas egoístas significa a liberdade para utilizar os seus egoísmos da maneira mais amedrontadora e terrível. Conseqüentemente, os problemas se arrastam interminavelmente entre aquelas pessoas que vivem sob uma democracia baseada no egoísmo. Parem de afirmar que a democracia é absolutamente algo bom ou que a ditadura também seja absolutamente desejável. No lugar disso, salientem que tanto uma quanto a outra será desejável quando for fundamentada no *Dhamma*. Cada sociedade deveria escolher a forma de governo mais adequada de acordo com as circunstâncias particulares que enfrenta.

Afirmar que o Primeiro Ministro deva ser sempre um membro eleito do Parlamento e nunca alguém que não tenha sido escolhido diretamente pelo povo é o mesmo que discursar de forma extravagante e delirante para surdos e mudos (1). Realmente, devemos observar para entender qual situação seria a mais conveniente, quais são as circunstâncias e as razões específicas e, então, agir corretamente de acordo com o princípio da Condicionalidade Específica. O mesmo se aplica às outras questões políticas. Este é o verdadeiro caminho budhista, condizente com o fato de que o Budismo incorpora a democracia na forma de um socialismo Dhâmmico. Portanto, a eleição dos membros do Parlamento, a instituição de um governo, a estruturação do sistema político e mesmo a direção do desenvolvimento social e econômico deveriam ser realizadas utilizando-se o princípio do *Kalama Sutta*. Por favor, reflitam sobre cada um dos exemplos considerados e descobrirão a necessidade da utilização dos princípios deste *sutta*.

Mais do que nunca o mundo moderno necessita do *Kalama Sutta* como seu princípio operacional básico. O mundo está cada vez mais agitado devido às impurezas da humanidade. Ele está se contraindo diante do aperfeiçoamento dos transportes e das comunicações, e à beira da autodestruição causada pela ausência de uma consciência, de uma inteligência e de uma sabedoria adequadas. Sob o poder das impurezas, o mundo cultua o materialismo, o sexo e o luxo, pois lhe falta um modelo como aquele contido no *Kalama Sutta*. Ninguém sabe como realizar escolhas de acordo com os princípios deste *sutta*. Conseqüentemente, o mundo encontra-se completamente despreparado para a paz, ampliando-se a criminalidade e a maldade a todo o momento. Vamos eliminar todos estes problemas e males confiando no *Kalama Sutta* como nosso modelo.

Finalmente, há a questão do nome deste *sutta*. Considerando as pessoas que ouviram originalmente este ensinamento, o *sutta* foi denominado *Kalama Sutta*. Por outro lado, tendo em vista a localização na qual foi proferido, ele possui a denominação de *Kesaputta Sutta* (2). Qualquer que seja o seu nome, o conteúdo e o significado são exatamente os mesmos. Durante os anos iniciais do século passado, o *Tipitaka* foi popularizado em uma série denominada “Tesouro do Dhamma” (*Dhammasampatti*) (3). Devido a ela, este *sutta* tornou-se bem conhecido com o título de *Kalama Sutta*. Portanto, vamos proferi-lo, gritando a plenos pulmões: “*Socorro! Kalama Sutta, Socorro!*”.

Concluindo, o *Kalama Sutta* nunca nos proíbe de acreditar no que quer que seja; ele somente nos suplica a acreditar em algo através do uso independente da inteligência e da sabedoria. Ele nunca nos proíbe de ouvir o que quer que seja; ele somente nos solicita a ouvir sem que permitamos que nossa inteligência e sabedoria sejam escravizadas. Além disso, ele também nos permite pensar, refletir, investigar e decidir com grande sutileza e precisão, de tal maneira que possamos encontrar partículas de ouro em uma enorme montanha de lixo.

Venha *Kalama Sutta*, por favor! Venha abrigar-se nos corações e as mentes de todos os budhistas e de todos os seres humanos do mundo atual.

Notas

(1) Na Tailândia, até meados dos anos 90, este assunto era um perigoso objeto de discórdia política entre ativistas democráticos de um lado e o exército e conservadores de outro.

(2) Diferentes edições do *Tipitaka* designam este *sutta* com nomes não coincidentes.

(3) Série idealizada pelo Venerável Phra Mahasamanachao Kromphraya Vachiraya Nyanarot, o Supremo Patriarca da época, o qual modernizou os textos budhistas e a educação na Tailândia.